

A ética dos des-graçados

*Prof. Dr. João Henrique Hansen, Ms. Ivanir Signorini e
Dr. Pe. Antônio S. Bogaz*

*'Indignado com a maneira com que os fariseus julgavam,
Jesus lhes disse:
Em verdade vos digo:
As prostitutas vos precederão no Reino de Deus'*

RESUMO:

Todos os grupos humanos organizam, ao longo de sua própria tradição, valores fundamentais que lhe dão uma identidade peculiar. São seus valores éticos, um patrimônio ao mesmo tempo cultural, moral e religioso.

Palavras-chave: grupos, religião, tradição

ABSTRACT:

All human groups have organized in the course of their own traditions, essential values, which give them a single identity. These correspond to their ethical values along with cultural, moral and religious holdings.

Key-words: groups, religion, tradition

INTRODUÇÃO

UMA INTUIÇÃO PRECIOSA

Todos os grupos humanos organizam, ao longo de sua própria tradição, valores fundamentais que lhe dão uma identidade peculiar. São seus valores éticos, um patrimônio ao mesmo tempo cultural, moral e religioso.

Além de valores éticos assumidos como universais, existem os conjunto de valores de grupos particulares, que se instituem como 'confrarias' 'comunidades' e grupos sociais. Estes grupos editam códigos de ética peculiares

aos seus membros. Citamos, entre tantíssimos, os ‘alcólatras anônimos’, os ‘monges consagrados’, o ‘grupo de mulheres’, os ‘migrantes’, e assim muitos outros. Além da ética comum da sociedade, diríamos universal, estes grupos seguem valores particulares que dão a identidade e sustentam seus grupos. Estes grupos normalmente estão dentro da composição social ordinária.

Interessamo-nos por grupos diversificados, do ponto de vista ético-moral ou ético-social. São grupos que vivem, por assim dizer, na periferia da organização social e religiosa. São tidos como grupos espúrios e, de certo modo, são excluídos, como escórias da ética-padrão, que comumente se tem denominado, diríamos impropriamente, ética-burguesa.

Estes grupos são excluídos de nossa convivência ordinária, muitas vezes escondem a própria identidade, para se proteger e não ressachados da convivência religiosa.

Notamos, com admiração e alegria, que estes grupos, que são tidos como ‘anti-éticos’ ou ‘pecadores’ em suas posturas ordinárias sustentam nobres e delicados códigos de ética, que orientam suas vidas e fazem deles ‘cidadãos do Reino’.

Não foi sem motivo, a afirmação de Jesus Cristo, ao observar o pré-juízo dos fariseus: as prostitutas vos precederão.

Assim, os estudantes de Ética Filosófica da UNIFAI, campus LUISA DE MARILLAC (grupo de estudantes do 2. ano de Filosofia), procederam um estudo destes grupos. Os pesquisadores foram 52 alunos. Apresentamos os nomes dos representantes dos grupos que fizeram os estudos destes grupos sociais, bem como as entrevistas, as observações e os relatórios. Cada grupo pesquisou uma ‘tipologia social diversificada’, buscando entender sua forma de viver, seus preconceitos, sua cultura e seus valores ético-morais.

Citamos os representantes dos pesquisadores: Olga Falucci da Silva, Luís Tarcísio de Souza, José Pavanelli Galbe, Maria Inês Pires de Carvalho, Zulmara Sônia Amaral, Maurílio dos Reis e Leandro Raserá, aos quais agradecemos pela coragem na pesquisa e na busca de compreensão do espírito humano, que necessita valores para viver e conviver.

Como ouvimos uma vez, extasiados, que ‘as prostitutas vos precederão’, podemos entender que estes grupos pesquisados sustentam valores tão nobres, conscientes e elevados que podemos afirmar que estes ‘des-graçados’

de nossas estruturas éticas são possuidores de grandes valores, são tanto ou tão mais 'agraciados' como todos nós.

I – FUNDAMENTAÇÕES ÉTICAS

Para a pesquisa ser realizada, primeiramente aprofundamos o significado de Ética e como ela se encontra na sociedade, possibilitando aos pesquisados uma visão mais apurada do que se pretendia obter dentro das respostas dadas.

Pode-se entender que a visão de cada um mais ou menos diante dos padrões éticos está ligada intrinsecamente aos seus próprios valores pessoais, de modo que ao responder às perguntas o entrevistado acabou colocando suas opiniões baseadas exclusivamente na sua concepção pessoal de valores.

Reconhecemos antes de tudo os principais conceitos acadêmicos de ética filosofia, seus objetivos, sua universalidade e suas dimensões particulares.

A metodologia é outro importante passo da pesquisa. Assim, procuramos tomar alguns grupos significativos, para através deles entender como os valores transcendem nossos quadros padronizados de ética e se esboçam a partir de outras visões de mundo, de religião e de sociedade.

Os fundamentos éticos servem de base para configuramos outras modalidades de valores que se nos apresentam não mais como condenáveis, antes como bens que identificam, solidificam e enobrecem os mais variados grupos humanos.

1 - A ética dos agraciados

A ética pode ser comparada como os trilhos que direcionam nossa vida, sobretudo no tocante ao nosso comportamento, nossas crenças e nossos valores.

Estamos habituados a proclamar valores éticos, que culminam em comportamentos morais bem definidos. A partir desta premissa, elevamos nossos juízos de valor, apreciando, condenando, louvando ou criticando as pessoas que nos rodeiam.

Todas as nossas normas religiosas, leis civis e tratos sociais emergem das profundezas de nossas convicções ou pelo menos de nossos estatutos ético-morais.

Diante desta balança surda e ensurdecidora, classificamos os grupos sociais diferenciados abaixo da linha do suportável. Em outras palavras, condenamos os comportamentos diferenciados, pois não se enquadram em nossos padrões.

Temos certezas de nossos padrões, embora silenciosamente admitimos que nestes séculos temos produzido muita imoralidade, injustiça e destruição. Entendemos, assim que nossos valores são insatisfatórios e insatisfatórios nossos juízos, ou os mesmos são fabulosos e nossa sociedade é enormemente hipócrita.

Resolvemos abrir nossas consciências, clareando-nos de novas luzes, pois temos testemunhado muitos valores e muita santidade nos grupos que nós, a priori, condenamos.

São os grupos que definimos como 'des-graçados'. Estamos num trocadilho de palavras com dupla intenção: são grupos considerados fora das graças de nossas práticas religiosas, pois normalmente nem os admitimos à fila da comunhão e ainda mais, são grupos considerados desgraçados, pois são excluídos das rodas dos agraciados pelos bens sociais, como a ereção de uma família, a regularidade de comportamento, distanciamento das práticas religiosas e situações de miséria e abandono.

Nossa pesquisa quer tocar os sentimentos éticos destes grupos e determinar seus valores éticos, que os sustentam, que os unifica, que os dignifica e que os santifica.

2 - A pesquisa de campo

Consideramos a fundamentação do estudo da ética filosófica, nos moldes cristãos e latino-americanos. Consideramos seus valores como satisfatórios para a iluminação de uma sociedade cristã, com coerência e justiça. Claro consideramos o fator da imperfeição humana, que macula todas as normas e regras neste campo, mas sustentamos os próprios valores e não a deficiência de sua prática.

Os estudantes de ética se dividiram em equipes (14 grupos) e pesquisaram diferentes grupos humanos, num total de 98 entrevistas. Cada estudante aplicou uma ou mais entrevistas, permitindo que houvesse uma quantidade mínima de pessoas entrevistadas por cada grupo.

Depois destas entrevistas, que visavam de forma indireta descobrir os principais valores destes grupos, foram feitas aproximações dos temas, descobrindo algumas características comuns ao grupo, determinando assim os seus princípios éticos fundamentais.

Os grupos pesquisados foram alguns, como modelos de nossa pesquisa:

- Mães solteiras e mães separadas,
- Prostitutas, homossexuais e travestis,
- Moradoras e moradores de rua,
- Presidiários e contraventores.

Sintetizamos as entrevistas, compostas de 25 questões, objetivas e subjetivas, nos seguintes tópicos:

- 1 - Características pessoais do grupo
- 2 - Quais são os seus valores fundamentais?
- 3 - Para seus integrantes, qual a noção de pecado ou de imoralidade?
- 4 - Qual a importância da sociedade e da religião em suas vidas?
- 5 - Quais são os valores do 'super-ego' (modelos) deste grupo?
- 6 - Qual a ética-base que está na origem da vida destas pessoas?
- 7 - Com que linha ética da filosofia se identifica os valores deste grupo?

Conclusão; quais são os valores de identificação e de contraposição deste grupo, em relação aos valores ético-morais da nossa sociedade?

Uma vez, determinados estes valores, procuramos entender qual a ética destes grupos humanos, considerados 'des-graçados' por nossas estruturas 'agraciadas'.

Nossa hipótese é a convicção que estes grupos, que renegam os valores padronizados de nossa cultura, religião e sociedade, estrutura e vive

um código de éticas muito paraticular, capaz de organizar sua convivência grupal, alimentar suas convicções e garantir sua própria dignidade.

Não nos importa a caracterização estatística destes grupos, mas a descoberta dos valores que sustentam suas vidas e seu agir, mesmo em contraposição ao nossos modelos tradicionais.

3 - Valores éticos na vida humana

A ética é a inspiração de nossos atos. Pela ética, determinamos o comportamento de nossa consciência. Melhor, a nossa consciência determina as ações de nosso comportamento. Nossos princípios éticos nos iluminam, nos punem ou nos aplaudem.

Todas as correntes filosóficas, bem como todas as religiões procuram determinar princípios éticos que sejam universais, servindo para todos os tempos, em todos os lugares e nas diversas culturas. Esta façanha é alcançada quando os princípios são mais abstratos e não definitivos. Assim, o valor da vida, o respeito à pessoa, o direito à liberdade, por assim dizer, são valores universais. Pertencem aos princípios éticos de todos os povos e em todos os tempos. Mas a aplicação concreta destes valores começa a sofrer o crivo das culturas e dos tempos. Como nos diz Henrique de Lima Vaz: *‘O espaço do ηθος enquanto espaço humano, não é dado ao homem, mas por ele construído ou incessantemente reconstruído. Nunca a casa do ηθος está pronta e acabada para o homem, e esse seu essencial inacabamento é o signo de uma presença a um tempo próxima e infinitamente distante, e que Platão designou como a presença exigente do Bem, que está além de todo ser (ousía) ou para além do que se mostra acabado e completo (Επεκεινα της ουσιας - PLATÃO : Rep. VI, 509b)’*.¹

Nosso ocidente cristão procura uma ética universal, que definimos como valores gerais, numa compreensão epistemológica clássica. Os princípios cristãos como a liberdade pessoal, a igualdade entre os gêneros, o valor da vida em todas as circunstâncias e os direitos dos deficientes são conquistas da ética cristã no Ocidente. Parece simples, mas nem todas as culturas e

¹ H. C. LIMA VAZ, *Escritos de Filosofia II : Ética e cultura*, São Paulo : Edições Loyola, 1988, p. 13

povos professam estes valores, tanto que se considerava ético a morte de deficientes ou o aborto de fetos indesejados.

Estes valores pertencem ao patrimônio ético de nossa cultura contemporânea em quase todos os povos. Mas devemos considerar os princípios éticos de grupos específicos, que sustentam princípios particulares, decorrentes dos seus próprios estatutos. As corporações religiosas e sociais elaboram princípios fundamentais para harmonizar sua convivência e sustentar seus valores. Podemos considerar os princípios das confrarias, dos maçonicos, dos consagrados religiosos, dos militares e assim por diante.

Consideramos ainda que muitos grupos étnicos, mesmo em tempos de globalização, cultivam valores estranhos à nossa mentalidade cristã-ocidental. Consideremos, por exemplo, o princípio ético martirial dos fiéis islâmicos, a morte de animais nas religiões naturalistas, o afogamento de filhos bastardos ou deficientes em grupos asiáticos, para citar alguns exemplos.

Se os grupos adversos à cultura ocidental cristã tiver a voz, também vai lamentar muitos princípios elevados como valor em nossa cultura, como o celibato dos religiosos, as vestimentas das religiosas, a exclusão feminina das estruturas eclesiais e tantos. Vale dizer, que os princípios éticos têm valor em si mesmo e muitos deles tem sentido em culturas e tempos peculiares.

Damos mais um passo. Falemos dos grupos humanos que estão na periferia da organização social e são, por isso mesmo, considerados contraventores.

Pois bem, embora na linhagem de nossos princípios estipulados estes grupos são excluídos, por serem anti-éticos, notamos que eles desenvolvem e cultivam códigos de ética muito valiosos e ricos de valores evangélicos.

Todos falamos, por exemplo, da solidariedade dos motoqueiros nas grandes cidades. Tidos como contraventores no trânsito e pouco sensíveis aos transeuntes, manifestam grande solidariedade entre eles. As prostitutas, assumidas como pecadoras públicas, são presentes, nas obras literárias, como servidoras das causas humanitárias. Basta lembrar a acusação de Jesus aos fariseus: 'elas vos precederão no Reino'. Jesus não condenou a mulher adúltera: *'Eu também não te condeno: vai, e doravante não peques mais'* (Jo 8, 1-11)

E o que dizer do malfeitor crucificado ao qual Jesus garante: *'Em verdade eu te digo, hoje, estarás comigo no paraíso'*. (Lc 23,43)

Podemos seguir adiante. Apenas para o grupo de contraventores dos políticos corruptos, ainda não se descobriu os princípios éticos que os dignifica diante da sociedade e de Deus.

Bem, nosso trabalho deverá aprofundar os valores éticos dos grupos considerados anti-éticos em nossas estruturas civis e religiosas, para descobrir como a graça opera em suas vidas. Queremos encontrar entre os 'des-graçados' a força da graça, enquanto bem que se realiza e enquanto presença do amor de Deus. Estes valores não se excluem, antes se implicam, se justificam e edificam a sociedade. Vamos descobri-los.

4 – A ética no espírito humano

Antes queremos entender a ética, como fundamento básico do comportamento humano, que rege a sociedade, que solidifica nosso comportamento e que eleva nossa condição humana. Talvez por sua capacidade de elevação do ser humano, a ética, concretizada como moral, é um dos capítulos mais brilhantes do conhecimento filosófico e teológico. Bem dizer da verdade, é um capítulo em todas as áreas do saber humano, não apenas nas ciências humanas, mas sempre mais, nas ciências econômicas, biológicas e da comunicação. Além de tudo, é uma das dimensões mais consideradas nas práticas religiosas. Todas as confissões relacionam seus dogmas e sua revelação com a ética, como expressão concreta de sua veracidade. Entendamos a ética como um sopro de luz no espírito da humanidade.

Quantas vezes, porém, alguns grupos delimitam a ética de seus componentes e os colocam em contraposição com os demais grupos. Ainda mais, delimitam cercas excludentes, eliminando os componentes que desobedeceram algumas destas regras, criando mecanismos de excomunhão. Estas práticas geram verdadeiros sistemas que denominamos 'farisaismos', onde os cumpridores das regras básicas eliminam os dissidentes, gerando sistemas rigoristas que matam o verdadeiro espírito daquele grupo.

5 – Ética: trilhos do comportamento humano

Como os trens seguem trilhos para chegar ao seu destino e se descarrilharem causarão graves danos aos passageiros, aos transeuntes e à paisagem, os princípios éticos são trilhos de nosso comportamento. Se

descarrilharmos destes trilhos, certamente causaremos traumas pessoais, às pessoas na comunidade e ao mundo inteiro.

A ética é o norteamento de nossas ações e exige uma formação profunda da consciência, onde se fundamentam e solidificam estes princípios.

A ética tem como objeto os dramas da humanidade e exigem respostas conscientes e livres. A ética nos coloca diante de questões de nossa história como a legitimidade da guerra, a responsabilidade diante dos empobrecidos, a ação humana diante da natureza, nossa postura diante dos prazeres e a apreciação da vida, dos humanos primeiramente, mas também da fauna e da flora.

Embora formule-se em princípios teóricos e conceituas, o campo de atuação da ética são as situações morais práticas e cotidianas de nossa vida.

Por estes princípios que delinham nossos valores, somos levados a tecer juízos de valor sobre nossas atitudes e as atitudes de nossos semelhantes.

Donde, os princípios éticos exigem condições mínimas de responsabilidade e de liberdade. São atos conduzidos por nossas opções fundamentais. Agimos e refletimos, refletimos e agimos. Numa incursão dialética.

Todos nós procuramos atuar conforme os ditames de nossa consciência, visando fins promissores que se unificam num fim absoluto: o bem. *‘Em torno da categoria primeira de Bem organiza-se, pois, o conjunto dos valores fundamentais do saber ético dos gregos, que a Ética herdará e no qual deverá introduzir a ordem das razões. A categoria de Bem apresenta estruturalmente uma dupla face: o bem em si e o bem no indivíduo ou na cidade, uma face objetiva e uma face subjetiva do Bem. Essas duas faces do Bem receberão desde o início seu perfil conceptual próprio: em si o Bem (agathon) é o Fim último, a que todo ser tende (Aristóteles); no indivíduo o Bem é areté, termo impropriamente traduzido por ‘virtude’; na cidade o Bem é nomos ou ‘lei’ Areté e agathon são vocábulos que passam a fazer parte da linguagem ética a partir de uma significação originariamente física. Areté designa primeiramente a excelência das qualidades físicas que concorrem para a perfeição de um ser, segundo sua natureza específica. No plano moral, a areté do ser humano exprime a perfeição de seu agir, segundo o predicado que lhe é próprio e só a ele convém. Para os gregos esse predicado é o sábio uso da razão, o exercício da phronesis, da sabedoria. Ora, a perfeição é o bem no indivíduo enquanto sujeito ético, e esse bem*

lhe advém do exercício da areté pela conformidade com o Bem objetivo sob a norma da sabedoria'.² Este bem pode ser destrinchado como felicidade, utilidade e mesmo poder e prazer, desde que não produzam malefícios ao próximo e à sociedade. Afirmamos que não existe contradição entre os bens individuais. Estes não se excluem, ao contrário se completam e se engrandecem reciprocamente. A riqueza é um bem se produzir a riqueza de todos e não a miserificação dos pobres. Só é bem nossas ações que fazem bem aos demais.

Para tanto, consideramos traços essenciais do comportamento moral nosso agir que congregue os valores da responsabilidade, da vontade e da liberdade. Ainda mais, congregando os bens pessoais e comunitários. O bem verdadeiro é inclusivo e não excludente. Não pode haver felicidade que se alimente da desgraça alheia. Não passaria de sadismo e de atavismo mentais. Nem que se alimente de masoquismo. A ética exige padrões de normalidade no comportamento humano e visa a felicidade, próprio e do próximo.

Seu campo, assim entendemos, é o agir humano, buscando a harmonia interior de cada ser humano. A ética deve ainda iluminar as relações dos seres humanos, promovendo harmonia, igualdade e solidariedade entre as pessoas e os grupos sociais. Mais ainda, deve traçar caminhos que integrem a humanidade com todos os seres da criação. Podemos assim, falar de uma ética ecológica. Isso fica sempre mais evidente, quando entendemos que é impossível ser feliz sozinho. Minha felicidade se integra com a felicidade dos meus companheiros de caminhada. E a nossa felicidade é impossível se nosso mundo estiver marcado por injustiças e não houver respeito e cuidados com a natureza. Como se diz, tão repetidamente em nossos tempos, o universo é nossa casa. A ética exige que cuidemos de nossa casa, para morarmos bem e serenamente em sua proteção.

II – A ÉTICA DOS ‘DES-GRAÇADOS’

Nesta segunda parte da pesquisa, apresentamos as conclusões das entrevistas. Foram inúmeras as pessoas entrevistadas, de forma objetiva, visando respostas mais quantitativas, mas também de forma subjetiva, onde

² H. C. LIMA VAZ, *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética filosófica 1*, São Paulo : Edições Loyola, 1999, p. 89.

as conversas e as impressões também nos permitiram de compreender os valores fundamentais que estão no coração dos seres humanos.

O quadro social destes grupos é muito específico. Não apenas no âmbito social, quase sempre marcado pela pobreza e pela exclusão social, mas também do ponto de vista comunitário e religioso, onde são timbrados com selos de exclusão, pois serem julgados como desobedientes civis e religiosos e, tanta vezes, renegados das famílias, das comunidades religiosas. Em outras palavras, estes indivíduos fogem dos padrões definidos como 'normalidade ética' e integram o grupo dos 'desertores'. Ao assimilarem a própria identidade, livremente ou por coação, decidem enfrentar o juízo da comunidade. Tornam-se frágeis e se unem para se protegerem e enfrentarem a adversidade.

Por estas entrevistas – questões e observações – procuramos compreender a identidade ética destes indivíduos e, mais que isso, anotar os valores que sustentam suas vidas e que os tornam 'agraciados' social, cultural e religiosamente.

1 - A realidade dos 'des-graçados'

O que mais chama a atenção na realidade dos 'des-graçados' é que cada grupo parece uma ilha isolada no oceano. Como o oceano é cheio de ilhas, cada uma tem suas próprias caracterizações, seus costumes, suas crenças e evidentemente seus problemas que a tornam única. Não se pode caracterizar todas como um acidente geográfico, mas pode-se entender que estas almas em grupos isolados foram 'despejadas' de um continente onde, de certa forma, foram excluídas pela sociedade por não estarem de acordo com as regras locais.

Os problemas que carregam por serem 'diferentes' daquilo que se denominou maioria, que não vivem marginalizados por seus problemas, que possuem uma família, uma moradia, uma profissão decente, uma refeição completa e opção sexual hetero, são os 'certinhos' da sociedade que mesmo com corrupção, falcaturas, governos desonestos, descabros sociais e outros grandes problemas universais, aparecem como senhores feudais e os excluídos como escravos desta sociedade que dita ordens contra os 'des-graçados'.

O. Pegoraro analisando Rawls nos diz que 'As desigualdades sociais e econômicas devem ser tais que a) nos limites de um justo princípio de

poupança, garantam a maior vantagem possível aos menos favorecidos e b) sejam ligadas a cargos e posições acessíveis a todos em função de uma justa igualdade de oportunidade.³

Os indivíduos excluídos desta sociedade, isolados em ilhas espalhadas pelo oceano, podem ser classificados como grupos sociais, tais como prostitutas, homossexuais, travestis, mães solteiras, mendigos, meninos de rua, idosos, empregadas domésticas, favelados, moradores de ruas, presidiários e outros.

O clichê da frase ‘...a mais antiga profissão do mundo’ ou ‘... a difícil vida fácil’, já encontra elementos da classe média, mas a maioria mesmo é de baixa classe social, vindo de lares desfeitos, expulsos pela família, pessoas indefesas, sem referência para se enquadrar socialmente. A maioria por falta de empregos, desejo ou ‘vocação’ de prostituir-se ou na maioria dos casos por interesse financeiro.

Existe uma rivalidade entre prostitutas, travestis e michês (assim chamados os garotos de programa), que formam cada um o seu grupo, raramente misturando-se com outros.

Provém, a maioria, de famílias moralistas, de diversas religiosidades, sendo que a maioria acaba optando por um grupo de formação católica quando se sentem acolhidos. Seus conhecimentos religiosos são poucos e fundamentam-se nas orações do Pai Nosso e Ave Maria, sabendo o que é pecado, salvação, questões morais relativas à família e devoção aos santos.

Utilizam, normalmente a noite para ‘trabalhar’ e durante o dia cuidam dos afazeres domésticos. Alguns grupos moram juntos e se revezam junto ao telefone, dando ‘plantões’ para atendimento domiciliar em residências, hotéis e môtéis, atendendo sua clientela vinte e quatro horas por dia.

Faz parte da característica deste grupo a solidariedade, a amizade, o companheirismo, mas o valor fundamental do grupo é o dinheiro, a beleza e a saúde (que não tendo perde-se a fonte de lucros, que é exatamente a venda do corpo).

Uma ilha que já está virando quase um continente é dos favelados, que dia a dia torna-se cada vez maior.

³ J. RAWLS, 1993. p. 126.

A maioria dos favelados são analfabetos ou semi-analfabetos. Alguns tem profissão como cabelereiros, eletricitas, técnicos de enfermagem, auxiliares de limpeza, porteiros de prédios, faxineiros, além do grande número de empregos e subempregos em construção civil.

Grande parte das mulheres são jovens sendo que muitas não trabalham porque precisam cuidar da casa e dos filhos, observando-se que os maridos não deixam, numa submissão comportamental machista do homem brasileiro.

O relacionamento entre os favelados se dá, normalmente, por afinidades regionais. Criam-se laços profundos de amizade. Mas devido ao ambiente que moram, acabam perdendo suas raízes, criando por sua vez, uma visão quase heterogênea da situação. Vivem com medo de assaltos, bandidos e também de que outros que não sejam os 'amigos mais próximos' possam saber de sua realidade, onde trabalham, o que ganham e como vivem.

Porém, conservam alguns de seus costumes, como o acolhimento, a partilha e o agrupamento familiar.

Os favelados, talvez, seja o grupo que mais cresce, pois é a última possibilidade ainda de viver fora das ruas, ainda 'acreditar' que o que possuem é um lar.

'Outra característica da bioética secular é que ela será necessariamente mínima; não pode e não quer abranger todos os comportamentos humano, como fazem as éticas máximas. Sendo mínima, tem maior chance de abrigar pessoas de pensamentos diferentes, de filosofias distintas e até contraditórias entre si. Ela pretende reunir adeptos que se entendem sobre o mínimo. É a bioética dos 'estranhos morais', isto é, dos que diferem nas convicções morais, mas que estão abertos a discutir princípios mínimos que possam ser aceitos pelos que defendem teorias éticas, religiosas e políticas diferentes.⁴ No grupo de mendigos encontra-se pessoas de origem variada, mas a maioria é proveniente da região do Nordeste do país. A situação sócio-cultural do grupo está totalmente depreciada por terem perdido aquilo que constrói a dignidade humana na preservação de costumes. O grupo ouve rádio, os alfabetizados procuram ler alguma coisa e tentam preservar suas origens através da música e se possível com instrumentos antigos.

⁴ O. PEGORARO, p. 8.

A visão humana do grupo é de gratidão àqueles que os cercam, como os religiosos ou benfeitores que lhe dão alguma coisa, pois sentem-se, duplamente, excluídos da sociedade. Sabem que são marginalizados e desprezados, além de serem vistos como perigosos.

Cria-se no grupo a solidão e uma visão triste do ser humano

Em cada ilha uma tempestade de dor, nesta de mulheres jovens separadas a maioria pertence à classe baixa, como diaristas, donas de casa, operadoras de caixa e outras profissões em que não se necessita de muito estudo mas lhe permitem ter um emprego. Trabalham durante o dia e como a maioria não pode estar com os filhos, deixam-no com outras mães, avós ou em creches e escolas. As que cursam a universidade têm a ajuda financeira da família.

Mulheres que se desdobram para substituir a presença do pai e da ajuda financeira que deveriam ter, sacrificam-se pelos filhos e não pensam em si, são levadas, pelo menos a maioria, pelo amor incondicional à sua prole.

As empregadas domésticas acabam formando um grupo muito grande na sociedade, pois a profissão é sempre vista como necessária nos países em desenvolvimento como o Brasil, onde a mão de obra é muito barata. Ao contrário de países desenvolvidos onde uma empregada recebe um salário proporcional ao que faz, somente a classe alta tem dentro de sua casa uma empregada para fazer os serviços. No Brasil, desde a escravatura até os dias atuais, as empregadas representam 'um mal necessário' para a família.

Normalmente estas pessoas são pobres, não gostam de admitir isso, pois como domésticas vivem dentro destas casas com uma infra-estrutura confortável e quando retornam para seus lares acabam vendo a diferença de onde trabalham e onde moram. Normalmente vivem na periferia das cidades grandes, com suas respectivas famílias. Sentem-se injustiçadas, o que é perfeitamente compreendido, trabalhando em casas que não faltam alimentos, enquanto na sua própria residência passam necessidades.

É interessante notar que muitas acabam sendo confidentes das patroas ou patrões, devido a proximidade e muitas acabam ajudando a criar os filhos destes, como babá e muitas vezes fazendo o papel de educadora quando os pais não estão perto.

Com isto emergem dificuldades de análise das condições de trabalho em suas implicações sociológicas em vista do ambíguo relacionamento da trabalhadora com a família do empregador, mas sempre aceitando da parte de um e de outro os problemas decorrentes desta relação.

Somente para se ter uma idéia, segundo estudo 'O Emprego Doméstico' da Fundação Seade no Boletim especial sobre o mercado de trabalho feminino na Região Metropolitana de São Paulo, em abril de 2007, temos 700.000 empregadas domésticas, sendo o segmento o segundo maior empregador de mão-de-obra feminina.

Pode-se perceber que esta ilha é bastante complexa, apesar do alto número de componentes, existindo, portanto, uma exploração da mão de obra, fazendo com que estas mulheres se submetam a este tipo de trabalho, talvez, ainda um ranço do período colonialista da história brasileira que trocou a escrava negra pela escrava 'mal paga'!

'Anteriormente, havia apenas o bom(gut) e o mau(schlecht), mas o ressentimento introduz uma transvaloração, distinguindo o bom(gut) do ruim (böse). Essa transvaloração leva a chamar de ruim o que antes era bom: o poderoso, o violento, o repleto de energia, o cheio de vida; e a chamar de bom o que era mau: o homem baixo, simples, indigente e doente'.⁵

No grupo dos enfermos vê-se uma situação um pouco diferenciada, famílias mais ou menos organizadas, mas não fugindo das classes humildes. O que este grupo deseja, estando as pessoas que compõe esta célula, em casa ou hospitais é recuperar a saúde. Para isso criticam os dirigentes políticos, a situação em que se encontram e querem apenas voltar a trabalhar , fazer parte da sociedade. Contam com o apoio familiar e o amor que os une.

Na ilha das mães solteiras, vê-se a generosidade de jovens que se tornaram mãe antes da hora, que sem marido, sem condições muitas vezes de tratar os filhos, optaram por tê-los e enfrentam a discriminação de não terem o pai ao lado.

A família, de uma certa forma, acaba aceitando a situação e ajudam a criar o filho, acontecendo isto nas classes mais baixas, mas afetando agora a classe média também.

⁵ A. CORTINA E E. MARTÍNEZ, p. 81.

Vê-se que o problema da gravidez precoce acontece, principalmente, entre as meninas de 14 a 18 anos. O despertar da sexualidade, o desconhecimento das formas de evitar filhos, a falta de conhecimento do próprio corpo, acabam levando estas jovens a relações iniciais na vida, sem cuidados, sem preparo e muito menos amparadas pela sociedade através de médicos, sexólogos e a própria escola.

Num resumo geral a realidade dos 'des-graçados' sempre estarão situadas no cunho sócio-político-cultural, onde a classe mais desfavorecida será sempre dividida em ilhas espalhadas pelo oceano, cada qual com suas necessidades, suas crenças, seus dramas, suas necessidades, suas dores e suas almas feridas.

2 - Rosto cultural e religioso dos 'des-graçados'

Apesar de tantas ilhas separadas, os grupos dos 'des-graçados' têm uma formação religiosa e cultural muito simples, mas com os mesmos caracteres dos continentes.

Acreditam em Deus, atribuindo o conceito de Bom, o Criador de tudo o que existe, atribuindo-Lhe de certa forma tudo o que acontece.

Os fundamentos religiosos são os recebidos da família, assim como também rezam as orações que foram ensinadas pelos pais ou avós, numa religiosidade de aparência popular.

Apesar de marginalizados pelos homens, não deixam de acreditar em Deus e na oração. São conscientes do sofrimento e da situação em que se encontram.

São solidários uns aos outros, acostumados a dividirem o que encontram; os mais humildes reconhecem a gratidão e sentem profundo respeito por Deus, além de plena consciência do bem e do mal.

São seres humanos com sentimentos e sensibilidade tentando sair da situação em que se encontram. No grupo dos mendigos, por exemplo, por falta de algo maior, sentem prazer na alegria dos outros e se consideram bons, apesar da condição de excluídos da sociedade e de recorrerem ao álcool em substituição à comida, a moradia, a falta de ânimo e frustração originadas pela decadência de uma vida que outrora tiveram.

Apesar do sofrimento que envolve o grupo das jovens mães, elas guardam valores familiares, morais e religiosos. A falta do marido faz com

que estas mães se transformem num ser de muita responsabilidade, ou seja, infelizmente, o sofrimento acaba sendo uma fonte de aprendizado. A dificuldade do casal em enfrentar a vida sem uma base financeira, social e cultural acaba fazendo com que a união do casal seja desfeita e essas mulheres separadas acabam tendo que criar, educar e na maioria das vezes sustentar seus filhos sozinhas.

Neste grupo existe ainda o sonho de encontrar um novo companheiro

Na religião acabam encontrando apoio, auxílio e respostas ao seu sofrimento, vendo no outro o espelho da própria vida e a esperança de um dia ter uma situação melhor. Normalmente estas jovens mães separadas criam a expectativa de melhorar financeiramente e poder com isto dar aos filhos uma condição de vida mais digna.

Todos os grupos, na grande maioria, pertencem à classe baixa, cuja cultura é quase nula. Encontra-se na maioria um conhecimento do alfabeto, mas muitos podem ser considerados semi-alfabetizados, sabendo, às vezes, somente assinar seu nome.

Nos grupos formados pelas prostitutas, michês e travestis eles são plenamente conscientes de vivem em pecado. Não tem paz de espírito, pois eles tem consciência de seus atos e sentem medo de serem julgados por Deus, mas mesmo assim continuam sua forma de vida, mesmo sabendo que a sociedade os condena. Para eles a figura do mal encontra-se na política, principalmente nos políticos corruptos, no policial agressor, na droga, na doença e nos maus tratos.

Interessante notar que quase todos os grupos conhecem a oração do Pai Nosso e a Ave Maria e a maioria se diz católica.

Mesmo entre os detentos, onde a realidade é pior do que se imagina, fazendo-os se sentirem sub-humanos no tratamento, devido os ambientes das cadeias, delegacias e outros estarem lotados, fechados e extremamente promíscuos, onde não há espaço para a privacidade de nenhum, procuram rezar as orações antes de dormir.

A religião contribui, de certa forma, para amenizar o sofrimento dos grupos, Deus se torna o Bom, o Diabo encarna o Mal, os 'des-graçados'

podem não ter condições de cultura, mas tem condições de aceitar, acatar a religião como base moral, mesmo estando fora dos padrões dela.

3 - Bens espirituais e valores éticos

Todos os seres humanos, fiéis ou ateus, religiosos ou a-religiosos, sustentam valores em suas vidas, que fundamentam e ordenam suas ações. Certamente, as confissões religiosas possibilitam a formação de valores que sustentam de forma mais incisiva o comportamento do ser humano. Estes valores permitem a convivência consigo mesmo, com a sociedade e com a natureza. São valores que compõem o catálogo de nossos valores ético-morais. Por eles nós ordenamos a nossa existência, orientando nossa vida pessoal e nossa forma de nos posicionarmos na história. Por estes mesmos valores, nós relacionamos com as pessoas que estão em relação próxima ou distante conosco. São os bens espirituais que nos ensinam a respeitar, servir, lutar e conviver com a comunidade humana. Também são estes valores que nos impõem, pela força da consciência, regras para tocar a natureza, os rios, as plantas, os animais e mesmo o ar que respiramos. Somos marcados por valores e estes valores iluminam nosso viver e nosso agir em nossa realidade.

Apesar de alguns valores serem diferenciados pelos grupos, como por exemplo dos incluídos dentro da prostituição, o que conta como valor é a não comparação de Deus com os homens, a mãe como eixo familiar, a amizade, a fidelidade(não traição) e o amor.

‘A fé no SAupremo Ser e na vida eterna torna-se visível no amor aos semelhantes e a todas as criaturas. O amor ao próximo é a regra de ouro, a suprema e única norma de conduta na interpretação de Agostinho: ‘O senhor nos deu dez mandamentos na Antiga Aliança; resumiu-os em dois e dos dois fez a única regra do Novo Testamento: o amor’⁶

Já para os favelados, os valores humanos do grupo são voltados para as crianças, idosos e deficientes. Valorizam a saúde, o trabalho e a moradia. Consideram como pecado, o furto, a omissão e o egoísmo, incluindo como mal a inveja, a política, a desunião, brigas, violência e morte (ato de matar).

⁶ O. PEGORARO, p. 81.

Não questionam a sociedade como responsável pela miséria em que vivem, nem pelo álcool, fumo e droga que este grupo pratica com mais desenvoltura.

Já para o grupo dos enfermos a visão de pecado e do mal, se relaciona somente à imoralidade, ao sexo, a ausência às Missas de Domingo (para os católicos) enquanto para as Testemunhas de Jeová, nota-se que o pecado e o mal estão no relacionamento com pessoas que não pertençam à sua Igreja, e assim, a existência de solidariedade, se restringe somente aos seus semelhantes.

Neste grupo, talvez pelo fato de estarem doentes, o maior medo é perder os entes queridos.

Os valores éticos encontrados em todos os grupos, se expressam na solidariedade, amor ao próximo, ajuda aos membros de cada grupo em situações de necessidade material, amizade e necessidade de justiça.

Ora, estas ilhas apesar de serem diferentes na sua concepção, na realidade tornam-se parte do continente. Por que?

No continente teríamos uma sociedade que poderia ser definida como pessoas enquadradas dentro de uma ética correta, que sempre teriam como base os aspectos morais definidos, o que se entende como certo e errado.

Ora, a sociedade dos homens nunca poderia ser feita desta maneira, o que seria portanto, uma utopia.

‘As teorias éticas, diferentemente das morais concretas, não buscam de modo imediato responder a perguntas como ‘o que devemos fazer?’ ou ‘de que modo deveria organizar-se uma boa sociedade?’, e sim a estas outras: ‘por que existe moral?’, ‘quais motivos – se é que existem – justificam que continuemos a utilizar alguma concepção moral concreta para orientar nossas vidas?’, ‘quais motivos – se é que existem – avaliam a escolha de uma determinada concepção moral diante de outras concepções rivais?’⁷ Numa sociedade temos exatamente todos os grupos formados pelos homens, com suas implicações sociais, éticas e morais.

Em todos, o que se observa é que cumprem, também, sua ética, seja ela diferente do que se entende por certo, mas também não se enquadra

⁷ A. CORTINA e E. MARTINEZ, p. 51.

no errado, uma vez que cada grupo tem suas próprias diretrizes para se sentir participante de uma ilha.

Não se pode, portanto, exigir que toda a humanidade que vive em ilhas possa ser tachada de errada ou longe dos aspectos morais que integram todos os continentes. Desta forma, os valores encontrados, seja no presidiário, na prostituta, no travesti, nas mães solteiras, nas mulheres separadas, nos enfermos, nos mendigos, nas crianças de ruas e em todas as *ilhas* deste mundo, os aspectos éticos acabam sendo essencialmente iguais.

Concluindo: As Prostitutas Nos Precederão

Os grupos, que chamamos de ilhas, estão fora dos eixos, longe do continente, onde pode-se observar que as mulheres são as mais prejudicadas e expostas aos problemas éticos, devido serem mais fiéis aos seus valores morais, como preferir ser mãe solteira do que a fazer um aborto.

É muito interessante notar que as chamadas 'minorias' são quase sempre grandes populações sociais. Originalmente foram tomados como minorias, por serem configurados como grupos pequenos e quase imperceptíveis na vida social e cultural. Na verdade, devido à condenação pré-estabelecida viviam camuflados e escondiam sua identidade. Eram renegados. Com a luta pelas liberdades individuais e a revisão dos conceitos de beleza e de valores, estes grupos passam a assumir sua identidade e crescer sua auto-estima. Deste modo, os grupos étnicos, sociais e religiosos mostram ser muito maiores de quanto pareciam e estão mais presentes nas estatísticas oficiais e oficiosas.

Os integrantes destes grupos sociais percebem-se diferentes em relação às outras pessoas de sua idade e de seu convívio. Nota-se que sofrem muito para apreender a realidade onde se inserem e, finalmente, acabam aprendendo com a vida e são cobradas desde a infância, são mais tolerantes em relação ao mundo e ao homem. Definem seus valores e procuram sua própria dignidade a partir de sua própria dignidade.

Os grupos tendem a ser mais críticos em função de sua não participação da sociedade, criticando as autoridades pelo estado em que se encontram.

A total discriminação dos grupos por estarem na contra-mão deste continente os deixam insatisfeitos em pertencer à raça humana, uma vez que não se sentem parte do sistema sócio-político-cultural.

O que deixa uma interrogação é que este arquipélago está cada dia mais cheio de pessoas que não se encaixam no sistema dos continentes, mas que não podem deixar de viver à sua margem.

Desta maneira, o que se pode concluir é que dentro do aspecto ético de cada um dos grupos estudados, todos tem seus próprios direcionamentos do que acreditam ser corretos. Cabe à sociedade como um todo, agrupar o arquipélago, juntá-lo ao continentes e tentar viver uma vida conjunta, pois todos os membros que a compõe são iguais perante ao Criador.

BIBLIOGRAFIA

- DUSSEL, E., *Ética Comunitária*, Vozes, Petrópolis, 1986
- CORTINA, A. e MARTINEZ, E., *Ética*, tradução: Silvana Corbucci Leite, São Paulo, Edições Loyola, 2005
- GOFFIM, T. – PIANA, G., *Ética da Religiosidade*, Queriniana, Brescia, 1986.
- HUISMAN, D., *Dicionário de Obras Filosóficas*, Martins Fontes, São Paulo, 2002.
- JOSAPHAT, C., *Falar de Deus e com Deus*, Paulus, São Paulo, 2004.
- LAURENTIN, R., *Vida autêntica de Jesus Cristo*, Paulinas, São Paulo, 2002.
- LIMA VAZ, H. C. *Escritos de Filosofia II : Ética e cultura*, São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- LIMA VAZ, H. C. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*, 2ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- LOPES, P. F., *A Ética Platônica: modelo de ética da boa vida*, Editora Loyola, São Paulo, 2005.
- MONDIM, B., *Curso de Filosofia*, VV. 1-2, Paulus, São Paulo, 2006
- MONDIM, B., *Introdução à Filosofia*, EP., 1981
- _____, *Curso de Filosofia I*, EP., 1982. *Primeira Filosofia*, pp. 270-274
- PEGORARO, O., *Ética dos maiores mestres através da História*, Petrópolis, Editora Vozes, 2005

SIQUEIRA, J. E. S. (org.), Prota, Leonardo, Grange, Luciana e Arantes, Marcia Nagy Arantes, *Ética, ciência e responsabilidade*, São Paulo, Edições Loyola, 2005

VASQUES, A. S., *Ética, Civilização Brasileira*, RJ, 1980

VIDAL, M., *Caminhos para a ética cristã*, Santuário, SP.

João Henrique Hansen

Doutor em Letras, na área de Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo. Coordena o Curso de Letras do Centro Universitário São Camilo e participa do Núcleo de Bioética e do Comitê de Ética e Pesquisa do mesmo Centro Universitário.

Ivanir Signorini

Mestre em Ciências da Religião e Teologia, pesquisador do fenômeno religioso dentro da religiosidade popular e no ciclo universitário. Leciona Ética, Filosofia e Ciências da Religião, buscando compreender o fenômeno religioso no espírito humano e os valores éticos que permeiam a relação humana com o sagrado.

Antônio Sagrado Bogaz

Doutor e professor em Filosofia, pela Universidade de São Paulo, sobre o Humanismo Integral em Jacques Maritain. Leciona Ética Filosófica na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. É pesquisador nas áreas de liturgia e inculturação e na área de ética.